

«Um romance maravilhoso e emocionante, que não vai conseguir parar de ler e que vai querer partilhar com todos os amantes de cães e gatos que conhecer.»

*RT Book Reviews*

# Doidos por Cães

Romance

MEG  
DONOHUE

Autora bestseller do *USA Today*



TOP  
SEL  
LER

Para a minha família, cães incluídos,  
em especial o *King Oberon*.

«A alegria do cão aumenta a nossa.  
É uma grande dádiva.»  
– Mary Oliver, *Dog Songs*

«Se está a ler este livro, é muito provável  
que esteja com o coração partido.»  
– John W. James e Russell Friedman,  
*The Grief Recovery Handbook*

# Capítulo 1



**U**<sup>m.</sup>  
Dois.  
Três.

Respiro profundamente três vezes antes de abrir a porta e ver que a Leanne Hadley, a minha paciente das quatro da tarde, está quase irreconhecível. O seu cabelo adorável tinha sido domado num coque sedoso, e o fato de treino, cuja parte de cima não combinava com a de baixo, fora substituído por uma camisola de gola alta e calças feitas à medida. Também está a usar maquilhagem. O meu coração fica desesperado.

Não é que esteja surpreendida pela transformação da Leanne, ou pelo que isso significa certamente. Afinal de contas, isto é terapia — estamos a trabalhar tendo em vista a hora em que diremos *adeus*, desde que dizemos *olá*. Mas a Leanne tem vindo visitar-me todas as semanas desde que abri o consultório há três meses, e embora esteja agradada pelo seu evidente progresso, vou sentir a sua falta. Mesmo no seu sofrimento, ela tem sido uma excelente companhia. As suas emoções são fortes;

ela chora com facilidade mas com mais facilidade ri, sendo a sua amável disposição cumeada por um humor perspicaz.

— Talvez eu anseie pelas suas visitas mais do que devia.

«Visitas» não, recordo-me. «Sessões».

Seja como for, já acabou; isso é evidente antes até de ela entrar. Está radiante, o curso da sua vida recuperado, a baloiçar para longe de mim.

— Parece estar bem — digo eu, a sorrir. Tenho de arrancar as palavras do nó que se me formou na garganta. Para lá da Leanne, o nevoeiro apressado passa pela Sutro Tower, a enorme antena de transmissão vermelha e branca que se estende bem alto acima da cidade. Para este, o céu está azul; para oeste, está despido de cor, tão atrativo como água suja da loiça. Manter o controlo do tempo de São Francisco é uma batalha que não consigo aparentemente ganhar, e estou ansiosa por fechar a porta.

Seguimos a nossa rotina habitual, a Leanne tomando o seu lugar no sofá cinzento tufado na minha sala/escritório enquanto lhe preparo uma chávena de chá inglês. Sei como ela gosta dele — açucarado, com um pouco das natas que comecei a pedir que me entregassem juntamente com as mercearias semanais depois de ela mas ter pedido durante a nossa primeira sessão.

— Cortou o cabelo? — pergunto, regressando à sala. A luz da tarde infiltra-se por entre os cortinados brancos transparentes que pendurei quando me mudei há quatro meses e o efeito é exatamente o que esperara: aconchegante e íntimo, pacífico, sem parecer solene.

— Não, apenas sequei com o secador — responde a Leanne com satisfação. — Esqueci-me de que me sinto muito melhor quando me dou ao trabalho de secá-lo. Levanta-me o moral.

— Estou a tentar lembrar-me de uma piada — digo. — Algo sobre as semelhanças entre ar quente e terapia.

A Leanne tem uma gargalhada maravilhosa, ousada e enérgica. Quando ela lança a cabeça para trás, eu reparo que as olheiras que normalmente se instalam como sombras por baixo

dos olhos azuis desapareceram, dissipadas pelo sono e apagadas pela maquilhagem.

— Oh, Maggie — diz ela. — Tem sido tão boa a ajudar-me a manter o humor durante tudo isto.

Sinto o estômago a contorcer-se.

Os pacientes elogiam sempre imenso a minha ajuda antes de dizerem *adeus*.

ALGUMAS NOITES DEPOIS de eutanasiar a *Sealy*, a sua *russian toy terrier* de 11 anos, a Leanne Hadley fizera uma pesquisa na Internet com as palavras «cão» e «morte» e «culpa» e acabou por ir parar ao meu site novinho em folha de aconselhamento psicológico relacionado com luto por animais de estimação. Durante a nossa primeira sessão, ela mostrou-me uma fotografia da *Sealy*. Ao que parece, os *russian toy terriers* são animaizinhos graciosos, de pelo curto em todo o corpo exceto o pelo comprido e frisado que pende das orelhas triangulares retas como se fossem pequenas chamas. A *Sealy* parecia ser atrevida e bonita com um nariz afilado e tufos de pelo loiro-ruivo emplumado.

*Debbie Gibson*, pensara eu. Identificar sócias famosos de cães é um dos meus talentos especiais. O meu próprio cão, *Toby*, arraçado de *retriever* de pelo liso poderia ter sido o fruto do amor entre a Elizabeth Taylor (pelo preto, ondulado como nos primórdios de Hollywood) e o Bruce Willis (pescoço grosso, brilho nos olhos) — embora, nos últimos anos de vida, tenha surgido uma semelhança forte ao Ian McKellen.

Durante o curso da nossa primeira sessão descobri que a *Sealy* foi uma prenda de consolação pelo ninho do amor vazio oferecida pelo marido da Leanne, Darren, depois de o seu filho mais novo ter saído de casa para a faculdade. Sempre que a Leanne via televisão, a *Sealy* saltava para cima das costas do sofá e enrolava-se atrás da cabeça dela, tão apertada e leve como uma coroa de folhas de louro, de vez em quando enterrando o nariz molhado e fresco no cabelo da Leanne para cheirá-la bem. No carro, a *Sealy* preferia o assento de trás (*Driving Miss Sealy*, brincava a Leanne). Executava uma dança de sapateado

do outro mundo juntamente com um sorriso desvairado e rasgado sempre que abriam uma lata na cozinha, e amuava por baixo da mesa durante uma boa hora se a lata afinal continha outra coisa que não comida de cão. Tolerava que a Leanne a carregasse, mas mais ninguém («Ela tinha a sua dignidade»). As unhas da *Sealy* a bater no chão de madeira, perto dos calcanhares da Leanne, foram, durante 11 anos, o ruído de fundo enérgico da vida da Leanne.

A Leanne não saiu do quarto durante dois dias depois de a *Sealy* morrer. As suas bochechas arderam de vergonha quando me contou isto. Assegurei-lhe que a sua reação não era incomum; não era a única.

— Amor é amor — disse-lhe eu, como digo a todos os meus pacientes que têm vergonha de se sentirem destroçados pela morte de um cão. — Perda é perda.

Ofereceu-me um sorriso agradecido, e eu retribuí.

AGORA ABRO O meu caderno de notas.

— Como é que foi a sua semana?

— Boa, obrigada — diz a Leanne. Passaram-se 30 anos desde que saiu da Califórnia do Sul, mas ainda tem aquele adorável sotaque sulista, tão suave como o seu rosto redondo. — Imenso trabalho de jardinagem. Tirei os gerânios secos dos canteiros do pátio e plantei um pouco daquela cavalinha vistosa.

— O que é que inspirou a mudança?

Ela beberica o chá, ponderando.

— A altura do ano, acho eu. A primavera está quase aí, embora o tempo não dê nenhuma indicação disso. — Baixa o olhar, observando a caneca, e surge-lhe uma ruga entre as sobrancelhas. — Custa acreditar que já a venha visitar... que a *Sealy* já morreu há três meses. Ainda parece tão... — Foge-se-lhe a voz.

— Três meses passam num abrir e fechar de olhos comparando com treze — abano a cabeça bruscamente, corrigindo-me — *onze* anos de companheirismo.

O olhar intenso da Leanne desloca-se para as fileiras de credenciais emolduradas que estão penduradas na parede atrás de mim — os meus diplomas de bacharelato em psicologia e mestrado em psicologia clínica, ambos da Universidade da Pensilvânia, a fileira de certificados e licenças do Conselho Nacional para Conselheiros Certificados, da Academia Americana de Aconselhamento de Luto e do Programa de Sobrevivência ao Luto por Animais de Estimação. Reparei que a parede é um critério de avaliação para os meus pacientes, um lembrete de porque é que fazemos agora parte da vida uns dos outros. É também o meu critério de avaliação, embora espere até estar sozinha no apartamento para olhar para ele. Nas noites melhores, estes diplomas e certificados tranquilizam-me ao mostrar-me que, apesar de eventos recentes que provem em contrário, eu sei o que estou a fazer. Sou uma profissional talentosa.

A Leanne volta a olhar para mim.

— A outra grande novidade da semana é que finalmente consegui ver o *Titanic*.

Olho para baixo para verificar as notas.

— C'um caneco! — diz ela. — Nunca lhe contei a história do *Titanic*?

— Acho que não.

A Leanne fica animada. É uma contadora de histórias entusiástica, uma peculiaridade que ela afirma ter sido encorajada pelo seu cão de infância, *Bert*, um *grand danois* que tolerara os elaborados jogos de máscaras e solilóquios dela com o semblante estoico de um guarda do Palácio de Buckingham a ser fotografado por um turista bêbedo.

— Bem, na noite em que o Darren trouxe a *Sealy* para casa — diz a Leanne, recostando-se no sofá —, vimos o filme *Titanic*. E com isto quero dizer que eu vi o filme enquanto o Darren serrava uma floresta de troncos. O nosso novo cachorro dormiu durante o filme todo também, enroscado numa bolinha no meu colo. Lembro-me de lhe afagar as orelhas macias e pensar na loucura que era que eu já a amava, e na felicidade que



sentia por haver outra vida na casa. — Encolhe os ombros. — Bem,  *você* sabe. Eu sentia muito a falta dos miúdos.

— Sim — digo. — É quem não se apaixonaria por um cachorro a dormir?

— Exatamente. — Ela sorri. — Então ela dormiu no meu colo durante o filme todo até finalmente começarem os créditos e a Céline Dion começar a cantar a sua imponente canção *My Heart Will Go On*. — Faz uma pausa. — Sabe qual é, certo?

Eu começo a cantar dramaticamente, horrivelmente:

— *Neaaaaar... Faaaar... Whereeeever you are...*

A Leanne ri-se, suplicando-me para parar.

— Acho que acertou na canção — diz ela —, mas é difícil perceber.

Mostro um sorriso rasgado.

— O que aconteceu a seguir?

— Bem, no instante em que ouviu a voz da Céline, a *Sealy*, que tinha estado a dormir profundamente no meu colo, saltou com as suas patinhas, apontou o nariz para o teto e soltou o uivo de cachorrinho mais doce e lamentoso que o mundo alguma vez ouviu.

— Então *Sealy* é diminutivo de Céline? — Sempre julgara que o tufo de bigodes pretos de foca tinha sido a inspiração para o nome<sup>1</sup>.

A Leanne anui.

— Em toda a sua vida, durante os 11 anos seguintes, nunca a ouvi uivar a nada nem ninguém. Apenas à Céline Dion.

— Acha que era um sinal de prazer ou agonia?

A Leanne ri-se.

— Prazer. Sem dúvida prazer. Acho que ela pensava que a Céline Dion tinha o uivo mais bonito que alguma vez ouvira. Emocionava-a.

— Alguma vez pôs a tocar Whitney Houston? Mariah Carey? Se calhar ela tinha uma preferência por divas.

---

<sup>1</sup> *Sealy* tem a raiz inglesa *seal*, que significa «foca». [N. da T.]

— Não, não, não — diz a Leanne por entre gargalhadas. — Era só a Céline.

Anuo, criando uma pausa de silêncio na sala.

— Que maravilha.

Ela olha para mim, interrogativamente.

— Estas memórias... — digo. — Vão permanecer sempre consigo. São a parte da *Sealy* que se tornou parte de si.

Os olhos da Leanne ficam brilhantes. Dá para ver que ela já está a pensar noutra história e por isso inclino-me para a frente, contente por haver mais para contar, pronta para escutar.

OS CONSELHEIROS DE luto por animais de estimação ouvem imensas histórias felizes. Tal parece sempre surpreender as pessoas, que partem do princípio de que as sessões são empreendimentos deprimentes e desoladores. Claro, derramam-se lágrimas, mas também se contam histórias dos cães que fizeram as pessoas sentirem-se menos sós, os cães que as ensinaram o que é o amor, que lhes preencheram e fortaleceram os corações. E os amantes de cães — a maioria dos meus pacientes é amante de cães — têm um sentido de humor maravilhoso. Algumas das histórias mais engraçadas e animadoras que já ouvi foram contadas pelos meus pacientes. São um grupo eclético, mas as histórias que contam têm no seu âmago a mesma verdade simples: os cães tornam-nos pessoas melhores.

Grande parte do aconselhamento que faço é honrar estas histórias, tão simples como isto — as histórias felizes e as tristes. As histórias comemoram a vida. Rimo-nos; choramos; desabafamos tudo. É com frequência que descobrimos que existem problemas em jogo para além da morte de um animal de estimação. As emoções podem ser esquivas. Podem passar-se anos até descobrirmos a dor que vive dentro de nós, uma lapa velha e espinhosa incrustada no coração.

Perto do fim da nossa sessão, sinto-me determinada a acompanhar a Leanne durante o caminho todo desde a porta do meu apartamento até ao portão junto ao passeio, mas a cada passo que dou cresce dentro de mim uma sensação de terror,

agora familiar. O meu coração bate fortemente. Escondo o tremor nas mãos ao enfiá-las nos bolsos do meu blazer.

No meu peito, o pânico é um pequeno pássaro preto que ameaça abrir as asas.

Quando abro o portão, a Leanne transpõe-no e vira-se para me abraçar. Ela está no passeio e eu estou na última pedra do caminho pedestre, por isso o nosso abraço começa por ser meio distante e desconfortável, mas depois ela move-se na minha direção e elimina o espaço entre nós.

— Obrigada por tudo, Maggie — diz-me ela junto ao ouvido. — A sério, obrigada.

Receio que ela consiga sentir agora o bater acelerado do meu coração.

Tento concentrar-me na palmeira do outro lado da rua, mas de súbito levanta-se vento e a árvore geme, a sua sombra escura e disforme a transformar-se em animais feridos que batem contra a calçada. Fecho os olhos e suprimo um tremor involuntário. Ou talvez não o suprima, porque quando abro os olhos vejo que a Leanne está a afastar-se, com o sobrolho franzido.

— Está bem? — pergunta ela, com as mãos nos meus ombros.

— Claro! — A minha voz sai ofegante. Parece-me que o céu está a escurecer e não tenho a certeza de quanto tempo mais consigo ficar ali ao portão. Pego as suas mãos nas minhas e aperto-as, sentindo as suas unhas recentemente arranjadas a fincarem-me as palmas das mãos, e desejo-lhe felicidades.

O rosto da Leanne relaxa e esboça um sorriso, mas dá para ver que ainda paira no ar uma sensação de preocupação, por isso obrigo-me a ficar a vê-la a procurar as chaves do carro na mala e depois a avançar e a fazer marcha-atrás com o seu velho *Mercedes* verde o que pareceu ser uma centena de vezes, corroborando com força a minha teoria de que existe uma correlação inversa entre talento para a condução e tamanho do carro. Quando por fim retira o carro do estacionamento, ela buzina e acena-me com alegria.

Faço o meu melhor sorriso e aceno com as minhas mãos trementes bem alto no ar. Só quando vislumbro uma expressão confusa a formar-se no rosto da Leanne é que me apercebo de que devo parecer uma daquelas pessoas que controla aviões nas portas de embarque dos aeroportos. Ou talvez uma dançarina de *bhangra*.

Espero que o carro dela desapareça de vista, dou meia volta e percorro o caminho apressada, de regresso ao apartamento.

O ALÍVIO INUNDA-ME assim que entro. Serpenteio até à casa de banho e esfrego as mãos no lavatório. A Leanne parecia estar de impecável saúde, mas mais vale prevenir do que remediar. A água está tão quente que a minha pele fica cor-de-rosa. Mantenho-me firme, cantarolando a canção *Parabéns a Você* duas vezes em voz baixa — uma dicazinha útil que aprendi durante uma recente observação do site dos Centros de Controlo de Doenças. Quando li os conselhos desses centros, perguntei-me imediatamente se a minha mãe sabia. Eu conseguia evitar telefonar-lhe para Filadélfia e perguntar-lhe, mas não sou capaz de parar de pensar nela sempre que ponho as mãos por baixo daquela água a esquentar e vejo a pele a mudar de cor.

Fecho a torneira e oiço a minha respiração fraca e irregular a acalmar.

*Noventa e oito*, penso.

Olho para o meu reflexo no espelho sobre o lavatório. Estou mais pálida agora do que estava quando para aqui me mudei, mas as minhas sobrancelhas não mudaram: cor de âmbar, bem definidas, expressivas. A minha melhor amiga, Lourdes, diz que tenho sobrancelhas de confiança. Chama-lhes as minhas máquinas de fazer dinheiro. Quem sabe? Ela pode estar certa. Mesmo a paciente mais reticente acaba por revelar-me os seus segredos... pedaços pretos de carvão tão apertados que se tornaram diamantes cortantes e cintilantes.

— Noventa e oito — digo em voz alta. É um número interessante, a trepidação sedosa do noventa, a porta fechada com força do oito. Digo outra vez o número. Amanhã um novo

tomará o seu lugar e parece ser importante mantê-lo sob controle. — Noventa e oito.

Há 98 dias que não transponho aquele portão para a rua.

## Capítulo 2



**E**u culpo o *Google*.  
Estou a brincar, claro. Sou uma psicóloga; sei que não posso pôr as culpas na Internet. Mas é verdade que as dificuldades logísticas de não ser capaz de sair de casa desaparecem praticamente quando caímos no abraço hospitaleiro da *World Wide Web*. Mercearias, livros, vitaminas e suplementos, até álcool... tudo pode ser entregue à porta. A Internet dá-me autorização com a fineza pseudocasual de um traficante de droga de olhos vidrados. *Não há necessidade de sair à rua*, ronrona a Amazon quando estou a ficar sem sabonete antibacteriano. *Amanhã entrego uma encomenda em sua casa*.

Na versão da minha amiga Lourdes da história da minha vida, foi ela quem me arrancou de Filadélfia há quatro meses, libertando-me de mais uma daquelas relações sem saída que pareço ter o especial talento de cultivar, e de um emprego que, embora satisfatório, nunca pareceu ser o indicado para mim.

Deixei a Lourdes acreditar que foi responsável pela minha mudança porque há um fundo de verdade nessa afirmação — eu estou, afinal de contas, a viver num apartamento de primeiro andar arrendado da sua casa de São Francisco. Não há necessidade de lhe arruinar essa ideia, de declarar que o verdadeiro catalisador da mudança de vida foi o meu cão *Toby*.

Depois de me licenciar, aceitei um cargo de conselheira na clínica de luto no Hospital de Filadélfia. Lá fiquei sete anos, mas só quando comecei a fazer voluntariado como conselheira de luto por animais de estimação na SPCA é que experienciei um «momento *aha*» que deixaria a Oprah orgulhosa. Ajudar pessoas que perderam os seus amados animais de estimação pareceu ser a minha verdadeira vocação, que conciliava a minha formação e a minha experiência e os meus interesses pessoais.

Por interesses pessoais, quero dizer cães. Sempre adorei cães. Sabem aquelas pessoas que não conseguem passar por um bebé sem parar para falar de maneira ternurenta com aquela carinha rechonchuda? Eu sou assim com cães. E cachorros? Nem se fala. Estou convencida de que acariciar um cachorro traz boa sorte. Há quem esfregue barrigas de Buda; eu acaricio cachorros. Já cheguei a seguir um cachorro ao longo de vários quarteirões para ter essa oportunidade. Parece-me que acreditar na sorte dos cachorros faz muito mais sentido do que acreditar, digamos, num número da sorte. Pode um número lembrar-nos do poder do amor puro e incondicional? Pode um número incorporar a lealdade e a alegria de viver ou a bondade ou a amizade ou... Bem, vocês entendem-me. Eu sou doida por cães.

Embora sentisse fortemente que estava destinada a trabalhar com outros amantes de animais, continuei a trabalhar no hospital porque sentia uma responsabilidade para com os meus pacientes e era um trabalho estável, bem pago, com uma rotina confortável, ainda que não particularmente excitante. Era difícil para mim aceitar mudanças (por isto, como todos os bons psicólogos, culpo os meus pais). Além disso, o luto de animais

de estimação não é exatamente um negócio lucrativo no que toca a nichos da psicologia. A ideia permaneceu encurralada num território onírico durante muito tempo.

O John, o meu namorado da altura, também não apoiava a mudança de carreira. Ele tinha sido reservado quanto à sua opinião sobre animais durante os primeiros meses da nossa relação, mas por vezes eu acreditava que via o seu cabelo bem penteado levantar-se uns milímetros quando eu falava do meu cão *Toby*. Era como se estivesse literalmente eriçado — como um cão a erguer o pelo ao longo da espinha quando sente perigo. O John era carente como o são muitos homens bonitos e bem penteados; acho que ele não conseguia partilhar a luz da ribalta, ou mesmo apenas o meu afeto, com um cão. Por isso, de certa forma, eu soubera que eu e o John não combinávamos quase desde o início, mas assim que incluo alguém na minha vida, custa-me deixá-lo ir. Comecei a pensar no egocentrismo franco do John como uma peculiaridade adorável, como quando o meu avô paterno morreu e no seu funeral dei por mim a falar com ternura dos seus arrotos assumidamente estrondosos.

Ainda assim, tudo corria relativamente bem até o que foi o Grande e Terrível Incidente do Salteado de 2013.

Há cinco meses, o John começou a entrar no meu apartamento para me fazer o jantar nas noites em que trabalhava até tarde. O John, admiravelmente, era um excelente cozinheiro, e toda esta coisa do jantar era uma boa ideia — em teoria. Na realidade, eu chegava a casa e encontrava a cozinha numa confusão e o *Toby* a ladrar freneticamente do meu quarto.

— O teu cão estava desconfiado a olhar para mim com aqueles olhos peludos enquanto eu cozinhava — disse-me o John para me explicar porque é que fechara o *Toby* no quarto. Deitara uma panela de esparguete num corredor e o vapor subiu por trás dele vindo o lava-loiça.

Eu nunca gostara de que o John se referisse ao *Toby* como «o teu cão», mas também estava ciente de que nem todas as pessoas gostavam de cães como eu e que namorar com alguém



que não era exatamente como eu era, provavelmente, uma atitude saudável. Além disso, parti do princípio de que o comentário do John sobre os olhos peludos desconfiados era uma piada. Quer dizer, o *Toby* tinha aquela cena normal dos cães de ter pelo à volta dos olhos, mas a sua expressão raramente se afastava de alegria e confiança.

A segunda vez que cheguei a casa e o *Toby* estava a ladrar do quarto, compreendi que o John não estivera a brincar. Ou pelo menos que eu já não lhe achava piada. O John fingiu estar perplexo com a minha raiva, mas eu consegui pressentir algo indiferente e inflexível escondido por trás da sua expressão inocente. As suas ações era um jogo de poder, apercebi-me eu — um ultimato. O John queria que eu ficasse do lado dele, que o escolhesse em vez do *Toby*, para provar que eu o amava mais do que amava o meu cão. A sua falta de auto-estima era triste, e como profissional de saúde mental senti-me solidária com ele, mas como sua namorada começava a tornar-se cada vez mais evidente para mim que namorava com um idiota.

Ainda assim, mantive-me calma. Tentei explicar o estado mental do *Toby* ao John.

— O *Toby* sente-se só e confuso — disse eu. Tirando a miúda adolescente que lá ia para passeá-lo à tarde, ele ficava sozinho durante o dia todo. — Provavelmente fica abatido quando chegas aqui porque está à espera de um passeio rápido... ou no mínimo de um pouco de atenção.

Partiu-me o coração pensar na desilusão e talvez até no medo que o meu cão podia ter sentido quando a porta de casa se abriu e o John entrou em vez de mim ao fim do dia. O *Toby* tinha 14 anos — não merecia esse tipo de tratamento.

Tivera dois cães antes do *Toby* — uma *spaniel* linda e enérgica chamada *Bella* seguida por uma *pastora* branca respeitável chamada *Star*. Eu adorara estes cães, amara-os de verdade, mas o *Toby* era diferente. Eu escolhi-o no canil quando tinha 19 anos. De acordo com a ficha de informação afixada na sua boxe, ele era um arraçado de *retriever* de pelo fino, pesava

29 quilos e tinha cerca de um ano. Eu gostava da ideia de adotar um cão que já tinha passado a idade de cachorro, um cão já com uma esperança de vida desconhecida. Parecia justo para ambos; ele também não sabia no que se estava a meter comigo. O *Toby* parecia robusto e forte, o pelo ondulado e preto sobre as patas como bocas de sino, e o brilho brincalhão e esperto nos olhos castanhos como chocolate incidiu imediatamente nos meus. Quando abri a porta da sua boxe, ele correu até mim, e senti uma leveza maravilhosa espalhar-se-me no peito. Lembro-me de que me ri alto, o som misturando-se com o tinido de cães a ladrar. A única coisa que faltou nessa cena foi música de orquestra elevando-se num crescendo imponente e de dilatar o coração. É evidente a importância que esse momento teve para mim, e ainda tem passados estes anos, ao invocar a memória: o momento em que escolhi o *Toby* e o *Toby* me escolheu a mim.

E então o *Toby* tornou-se a minha companhia constante durante todo aquele terreno estranho dos meus 20 anos quando estava a tentar adaptar-me ao novo mundo da vida adulta, não vivendo mais em casa dos pais, saltitando entre namorados e a universidade e depois o meu trabalho esgotante e recompensador como terapeuta de luto. O *Toby* esteve presente nisso tudo, um amigo pateta e carinhoso que me mantinha animada. Os namorados tinham vindo e ido, mas o *Toby* permanecera.

Tenho uma teoria de que encontramos o cão certo, o cão de que precisamos, para uma altura particular da nossa vida. A *Bella* e a *Star* foram os cães de que precisei durante a infância — reconfortantes, pouco exigentes e ternurentos. O *Toby* foi o cão de que precisei para me ajudar a sair do casulo quando me tornei adulta. Oferecia humor, amor e amizade inabalável, sem nunca me deixar introverter demasiado. Compreendíamos-nos um ao outro, eu e o *Toby*. De muitas formas, pensava nele como a minha alma gémea canina.

Nunca explicara ao John exatamente o que o *Toby* significava para mim, mas, a sério, tinha mesmo de o fazer? O apartamento era meu, as regras eram minhas, o cão era meu.

Disse ao John para não trancar o *Toby* outra vez sem nenhuma razão aparente.

Então, quando cheguei a casa pela terceira vez e senti o cheiro a salteado na cozinha e ouvi o *Toby* a ladrar no quarto, a minha frustração ferveu e transformou-se em raiva. Irrompi pelo corredor, olhando ameaçadoramente para o John ao passar pela cozinha.

O *Toby* parou de ladrar assim que abri a porta do quarto. Pode parecer estranho descrever um cão como carismático, mas o *Toby* era assim — superanimado, sociável, a transbordar de traquinice bem-humorada. Como era possível não gostar dele? Ele tinha uma cabeça larga e bonita, olhos inteligentes e brilhantes sem o véu da idade, e pelo preto e fofo que recentemente fora manchado de cinzento. Agora o lábio estava preso na gengiva, expondo dois dentes, dando-lhe um ar engraçado e desordenado que me fez rir apesar de há uns instantes ter estado furiosa. O *Toby* parece um pouco ofendido pelo meu riso, ou mais provavelmente por ter estado fechado no quarto, e sacudiu o pelo com uma fanfarronadazinha orgulhosa. Agarrei na trela e dirigi-me à porta sem sequer dirigir a palavra ao John. Nem o salteado mais perfeito de maçarocas de milho bebês cobertas de molho *teriyaki* compensava esta treta.

Estávamos a um quarteirão do meu apartamento quando o telemóvel tocou.

— Estamos prontos! — disse a Lourdes em modo de cumprimento. Ela e o marido Leo tinham finalmente acabado de construir o andar para arrendar por baixo da sua casa e estavam prestes a pôr o anúncio na Internet. Ela andara há meses a tentar convencer-me a aceitar a ideia de abrir o meu próprio consultório, mas fazê-lo em São Francisco, onde, segundo ela, «os amantes *hippies* de animais da Bay Area fariam fila para o aconselhamento para o luto de animais de estimação como *hipsters* para cafetarias artesanais». Ela nunca fora grande fã do John, e desde que ela e o Leo começaram a aproximar-se do fim das obras de remodelação do apartamento para arrendar,

os seus esforços para me convencer a mudar tinham-se tornado fervorosos.

Enquanto ouvia a minha amiga iniciar uma última tentativa para me convencer a ficar com o apartamento, baixei o olhar para o *Toby*. As suas ancas pareciam um pouco rígidas, mas o andar, embora mais lento, era alegre como sempre. Quando chegámos à esquina, ele olhou por cima do ombro para mim. *Agora vamos para onde?*, pareciam perguntar os seus olhos, iluminados com entusiasmo. *Vamos lá!* Ele já se tinha esquecido de ter estado trancado no quarto e estava ansioso para seguir em frente. Isso é o que os cães têm de maravilhoso — olham sempre em frente.

*O que é que eu estou a fazer com o John?*, perguntei a mim mesma. *Porque é que ainda estou a trabalhar no hospital?* Com 32 anos, sempre vivera em Filadélfia. Durante dez anos vivera no mesmo apartamento, a quarteirões da casa dos meus pais. Tinha andado a fazer milagres, absorvida na rotina, há tanto tempo — à espera, mas do quê, exatamente?

Ao telefone, a Lourdes tinha alcançado o seu limite mais desesperado de tentar vender apartamentos — o argumento da casa de banho energeticamente eficiente.

— Há dois níveis de autoclismo — estava ela a dizer. — Um é para o chichi, e o outro...

— Lourdes — interrompi-a, a rir-me —, eu fico com ele.

— O quê? Não estás mortinha para saber o que faz o outro nível do autoclismo? Este tipo de informação não vai influenciar a tua decisão? — Fez uma pausa. — *Não posso acreditar.* Acabaste de dizer que ficas com ele?

O guincho excitado da Lourdes foi tão alto que o *Toby* ficou paralisado, levantou uma orelha grisalha sedosa na direção do céu, e ladrou.

QUATRO MESES DEPOIS, aqui estou eu, a bater à porta da Lourdes. Se vão ter um ataque de agorafobia, recomendo vivamente que o façam num apartamento em que a vossa melhor amiga da faculdade viva no andar de cima, e em segurança dentro

dos limites de uma cerca que separa a propriedade do passeio público.

Assim que a Lourdes abre a porta, a sua *caniche Giselle* corre em frente e enfia-se por entre as minhas pernas. Seguro-me à ombreira da porta para me equilibrar e rio-me.

— Bem, é oficial — diz a Lourdes, fitando a cadela. — As miúdas finalmente convenceram-na de que é um pónei.

Ajoelho-me à altura da *Giselle* e aliso para trás o tufo engraçado de pelo ruivo entre as suas orelhas. Volta a levantar-se, regressando à posição anterior. A *Giselle* é desengonçada, alegre e esperta e imagino que, se falasse, soaria tal e qual como a Julia Child, cujo programa de televisão a minha mãe via em repetição durante a minha infância. Ela espeta a língua para fora e eu viro a cabeça, a rir-me, de modo que me toca na bochecha.

A Lourdes observa o nosso pequeno momento, divertida.

— Vinho?

— Estava a ver que nunca mais perguntavas.

À mesa da cozinha, as filhas da Lourdes, Portia e Gabby, estão a desenhar numa folha comprida de papel de embrulho branco, mantida no sítio por duas embalagens de plástico de lápis de cor e dois terrários esféricos de vidro cheios de terra e plantas suculentas. As plantas foram cortadas das fileiras de canteiros elevados que a própria Lourdes construiu no jardim das traseiras.

Se eu adoro o meu apartamento no andar inferior pelo sossego e pela arrumação, adoro a casa da Lourdes e do Leo pela sua energia, pelos ritmos de *jazz* de uma vida em família. É uma casinha clara que durante todo o inverno parecia estar em perigo de ter os seus cantos apagados pelo nevoeiro e pela chuva. Um momento está aqui, no outro não está. Parece uma casa vitoriana modesta, vista de frente, mas por dentro retiraram as paredes há uns anos e agora têm um andar todo em aberto com chão de cimento e uma parede inteira de vidro que pode ser dobrada como um acordeão quando o tempo for favorável. A parede de vidro está fechada, hoje. Ao longe,

o nevoeiro envolve a inclinação íngreme e escura da Sutro Forest, cujas delimitações são abraseadas por um vislumbre de pôr do sol. Sinto uma vertigem e desvio o olhar.

— Olá, meninas — digo, dirigindo-me à mesa.

— Mags! — guincha a Gabby. Ela tem três anos e fez recentemente o seu primeiro corte de cabelo; o rosto angélico e redondo está agora emoldurado pelo corte à tigela preto como breu, preferido dos assassinos em série.

— Olá, Maggie! — diz a Portia, que tem sete anos.

A Lourdes abre uma garrafa de vinho e enche dois copos. Na década a seguir à faculdade — apesar do casamento e dos filhos e dos anos a gerir o seu próprio negócio de *design* paisagístico — parece-me que a Lourdes não mudou nem um bocadinho. O seu guarda-roupa ainda é um caso de estudo de eficiência — um sistema de rotação de camisas, normalmente com padrão axadrezado colorido, e calças de ganga escuras que agora têm os joelhos ruços por causa da jardinagem. Ela ainda usa o cabelo preto brilhante preso atrás das orelhas e óculos de armação preta grossa todos os dias porque não está para se preocupar com lentes de contacto. Noutra pessoa, aqueles óculos poderiam parecer severos, mas a Lourdes tem um rosto sempre afável. Mesmo quando descarrega uma vaga de sarcasmo, praguejando sem parar, os olhos escuros da minha amiga nunca perdem a amabilidade aveludada.

Ela acaba de servir o vinho e ergue um dos copos.

— Correu bem o dia de trabalho?

Anuo, bebendo um gole demorado de vinho.

— Tive agora mesmo a última sessão com uma das primeiras pacientes que recebi quando me mudei para cá.

— Terapia — responde a Lourdes, abanando a cabeça. Está a folhear as páginas de um dos cadernos de cupões do supermercado que adora, parando ocasionalmente para arrancar algo ou circundar uma promoção com um lápis verde. — É um modelo de negócio horrível. Se és boa no que fazes, perdes clientes.

— Pacientes — corrijo.

— É uma virtude que não tenho. — Levanta o olhar e mostra um sorriso de gato.

— Mais uma para a lista — digo. — Como é que vai o projeto de jardinagem?

A Lourdes suspendera o negócio de *design* paisagístico depois de a Gabby ter nascido, mas recentemente envolveu-se com a tentativa da escola básica da Portia de plantar uma horta num canto do jardim da escola. Acostumada a desenhar jardins elaborados com apenas um proprietário como guia, tem ficado cada vez mais frustrada com o ritmo lento da tomada de decisões do grande comité de pais responsável pelo projeto.

Como resposta, ela ergue as sobranceiras e bebe um gole de vinho. Por vezes comunicamos entre pequenos goles de álcool, um pequeno truque que estabelecemos na faculdade.

A Gabby corre com a barriga projetada para a frente até mim e aterra no meu colo. Não é, geralmente, uma criança calma — uma vez apanhei-a agachada ao lado da malga da *Giselle*, a esconder comida de cão nas bochechas com um brilho de satisfação maníaca nos olhos — mas parece gostar de se sentar no meu colo e fitar-me o rosto. Todo o seu corpo fica imóvel enquanto me observa. A experiência é tanto reconfortante como enervante. Ela é tão confiante, tão destemida. Faz a minha garganta ficar apertada.

— Olá, Gabby — digo.

— Olá, Mags — cicia ela. E então, com um movimento casual que me lembra a vez em que um tipo num autocarro em Filadélfia abriu o blazer para me mostrar filas de *iPhones* roubados, a Gabby levanta a camisola e revela a barriga inteira coberta de autocolantes. Ela arranca um e dá-mo. Nem sequer faz uma careta quando puxa o autocolante da pele, para verem como é uma miúda encantadoramente rija.

— Oh, obrigada. Sempre senti que me faltava qualquer coisa meeeeeesmo aqui — Pressiono o autocolante na ponta do nariz.

A Gabby ri-se. A Lourdes observa a filha a sair-me do colo e a começar a dançar à volta da mesa. Está a tocar música clássica,

algo tão suave e calmante que mal notara antes, mas a Gabby está a abanar os ombros e a agitar as ancas.

— Ela dança como o pai dela — lamenta a Lourdes, o que me faz soltar um ronco para dentro do copo de vinho. — Muito bem, *chiquitas*. Hora de vestir o pijama. — A Portia e a Gabby gemem, mas desaparecem. Ouvimos os seus pés a subir as escadas e depois o som de gavetas a abrir e a fechar.

A *Giselle* aproxima-se a trote e pouisa a cabeça no meu colo. É uma cadela amorosa, fácil de amar. Quando eu e o *Toby* chegámos pela primeira vez a casa da Lourdes após três dias a atravessar o país num carro minúsculo de aluguer, o *Toby* e a *Giselle* começaram imediatamente a correr juntos pelo pequeno jardim. Bem, «correr» é um pouco exagerado — o *Toby* não estava a correr grande coisa na altura. Mas os cães curvaram-se um para o outro e abanaram as caudas e bateram-se com as patas, expondo alegremente os dentes. Sempre acreditei que há algo de contagiante nas brincadeiras dos cães, e, sem dúvida, a energia feliz do *Toby* e da *Giselle* abençoou a nossa chegada. Quando a Lourdes me levou pelo caminho de pedras até à chamativa porta azul do apartamento, escondida nas traseiras da sua casa encantadora, as sementes da dúvida que tinham irrompido na minha mente durante a viagem já tinham desaparecido.

Ainda estou a fazer festas à *Giselle*, mas devo perder noção de onde estou por um momento porque a seguir dou por mim a pôr a mão no bolso e a tirar uma mão-cheia das minhas vitaminas da noite. Atiro-as à boca e engulo-as com um gole de vinho.

— Que foi isso? — pergunta a Lourdes.

— O quê?

— Ninguém me disse que tínhamos chegado à parte do dia em que engolimos comprimidos.

— Às vezes uma rapariga precisa de um estimulante.

— Maggie.

O meu riso tem um som metálico.

— É só vitamina C.



— É muita vitamina C.

Lá em cima, alguém guincha. Vejo a Lourdes a suster a respiração, de cabeça inclinada, a ponderar se tem de subir e intervir. Como o som não piora, ela solta um suspiro sonoro e afunda-se mais na cadeira. Batemos com os copos e eu penso que talvez ela se tenha esquecido das vitaminas, mas depois diz:

— Quando o Leo chegar a casa, devemos continuar a festa na rua. Vamos ao Kezar beber um *dirty martini*.

Beberico o vinho, na esperança de que sirva como resposta. Ela levanta a sobranceira.

— Momento da verdade — diz ela. — Quantos são já?

Respiro fundo.

— No episódio de hoje de *A Terapeuta Agorafóbica* — digo eu —, o papel da protagonista será desempenhado por Maggie Brennan. — Depois, ao som de *Seasons of Love* do musical *Rent*, começo a cantar. — *Como se contabilizam / três meses em casa? Na Netflix — Na Amazon/ No Google — Em chávenas de café...*

A Lourdes ri-se.

— A sério, Maggie. Há quantos dias?

— Noventa e oito.

Ela é a minha melhor amiga, e eu contei-lhe tudo. Bem, tudo não. Não lhe disse que estou preocupada com o meu trabalho, que se não houver um valente aumento na quantidade de pacientes que atendo, terei de mexer nas poupanças para pagar a renda. Pior, que estou com medo de ser uma fraude — afinal de contas, uma terapeuta que não tem controlo sobre si é como uma cabeleireira com uma permanente horrível. Ou que pareço estar a ter dificuldades a despedir-me dos pacientes, mesmo aqueles que sei que ajudei, e não é por estar preocupada com a perda de dinheiro. Há coisas que são demasiado difíceis de dizer em voz alta, mesmo à Lourdes. Seria demasiado fácil para a nossa complicada relação dualista — senhoria/ /inquilina e melhores amigas — tornar as coisas entre nós desconfortáveis; receio que acabaríamos por nos manter afastadas uma da outra, para evitar não sabermos o que fazer.

Mas ela sabe que não saio de casa há meses, e sabe da história da minha família. Sabe que recentemente passei de maníaca das limpezas a germofóbica, que me preocupo com as doenças que os meus pacientes podem introduzir no meu pequeno porto seguro, que aos poucos tenho vindo a acumular vitaminas e chás medicinais e sabonete antibacteriano. A sério, que escolha tenho exceto ser vigilante? O que faria se apanhasse alguma coisa? Até o meu grande amigo Google teria dificuldade em encontrar um médico disposto a fazer uma visita ao domicílio por menos de uma pequena fortuna. Ainda assim, normalmente lembro-me de minimizar o consumo de vitaminas ao pé da Lourdes; tento impor limites.

— Noventa e oito dias — diz a Lourdes. Apesar do tom casual, dá para ver que ela está preocupada. — Isso é muito tempo.

Eu sei que não é justo que a Lourdes e o Leo sejam os únicos a saber que eu não saio do apartamento há três meses. De vez em quando ela ameaça ligar aos meus pais e contar-lhes, mas não o faz. Sente-se responsável — pensa que foi quem me convenceu a atravessar o país, a deixar o emprego e a minha vida antiga. Preocupa-se que o stress de tantas mudanças feitas ao mesmo tempo me perturbe fortemente, e ela não está errada. A sua culpa funciona a meu favor. Odeio que ela se sinta responsável, mas os meus pais não podem saber o que se está a passar. As notícias abalariam o meu pai — à minha mãe, talvez fizessem pior.

Ergo a garrafa de vinho e finjo ler a descrição no rótulo.

— Já reparaste que nunca descrevem o vinho como a saber a uvas? A couro... noz-moscada... mas uvas? Nunca. — Viro a garrafa na mão e dirijo-me a ela. — Porquê? És demasiado bom para a fruta que te fez?

A Lourdes ergue as mãos.

— Pronto, pronto, já percebi. Podemos mudar de assunto logo depois de me dizeres que vais tentar ir lá fora. Eu vou contigo. Deixa-me ajudar-te. Por favor, Maggie.

Embora brinquemos facilmente com a situação, não quero nada que a Lourdes me veja à beira de um ataque de pânico.

É demasiado embaraçoso. Como profissional de saúde mental, sei que as doenças mentais não são motivo para se ter vergonha; como mulher, tenho o meu orgulho.

Há 98 dias, apenas uma semana antes de abrir o consultório, estava sentada numa clínica veterinária a ver o meu querido *Toby* morrer. Depois, fui a pé para casa pelo Golden Gate Park, de coração destroçado. Estava a anoitecer, e o parque era uma teia de caminhos desconhecidos e cada vez mais escuros. O pânico não assentou gradualmente. Senti o preciso momento em que me dominou, afundando-me num mar escuro e gelado que ouvira pacientes descrever, mas no qual eu própria nunca mergulhara mais do que um dedo do pé. O meu coração parecia grotescamente inchado, a estremecer e a bater no espaço do meu peito subitamente demasiado apertado. A minha visão foi atravessada por círculos escuros, opacos como manchas de óleo. Arfei, ofegante, e, quando engoli, a minha saliva era amarga, tóxica. À minha volta, as árvores moviam-se, dobrando-se na minha direção, cujas sombras se abatiam sobre mim, e então comecei a correr, a tropeçar, aterrorizada, desesperada por estar em casa em segurança. Senti como se estivesse a fugir pela minha vida.

Só mais tarde, após horas a chorar no meu apartamento horrivelmente vazio, sem o *Toby*, é que a minha respiração regressou lentamente ao normal e fui capaz de entrar em modo de Profissional de Saúde Mental. Eu sabia que o que tinha experienciado no parque não era um ataque cardíaco, mas um ataque de pânico; apesar de como me sentira, a minha vida — até a minha sanidade — nunca estivera em verdadeiro perigo. E então, no dia seguinte, quando por fim tentei abrir o portão do passeio e ir a pé ao mercado comprar café, apercebi-me do quão pouco os meus anos de educação, formação e aconselhamento ajudavam. Estar armada com conhecimento era como usar uma faca num tiroteio. De imediato, o meu coração começou a bater com força. A minha garganta ficou apertada e depois comecei a tremer, a encolher-me, sem conseguir respirar. O meu medo transformou-se num monstro faminto e enorme

que cravou as garras no meu peito, roubando-me o oxigênio, bloqueando o sol.

E então, apesar de saber que não é assim — embora tudo o que alguma vez estudei diga o contrário — estou convencida de que o pânico não é algo que possa ser controlado, apenas evitado. Isto é o que eu nunca entendera completamente quando os meus pacientes descreviam o pânico que sentiam, o que eu não tenho a certeza de que é possível entender a não ser que o experienciemos em primeira mão: o pânico é tão assustador que a decisão de mudar a nossa vida toda para podermos evitar senti-lo outra vez parece razoável, até racional.

Mas não posso continuar assim. Sei que não posso. Não posso destruir a minha vida porque sou incapaz de seguir os mesmos conselhos que partilhei com os meus pacientes durante anos. E ao conversar confortavelmente com a minha melhor amiga aqui na casa dela, é fácil fingir que sou a mesma pessoa que sempre fui; alguém com hábitos peculiares, talvez — uma pequena alergia a mudanças, um ligeiro medo de alturas, uma espécie de maníaca das limpezas — mas nada que não possa ser controlado com um pequeno esforço da minha parte. É fácil estar aqui sentada e analisar e dissecar o enorme pânico que senti recentemente e, ao fazê-lo, contê-lo. Afinal de contas, eu sei que é apenas um grande equívoco fisiológico; a ansiedade faz o coração bater depressa, que faz o cérebro pensar que estou em perigo físico, sob ataque, e coloca o meu corpo em modo lutar-ou-fugir, bombeando adrenalina, acelerando a pulsação, fazendo as mãos tremer, estreitando a visão. É uma reação em cadeia de sinais mal-transmitidos e mal-interpretados. Células nervosas. Químicos. Ao longe, tudo parece compor uma equação clara. E, por enquanto, o pensamento racional e o efeito quente do vinho e da amizade e o som ternurento da respiração da *Giselle* a dormir por baixo da mesa juntam forças para acalmar o monstro enorme que é o meu medo.

— Está bem — prometo à Lourdes —, eu vou tentar. — Beberico um pouco de vinho e a minha garganta fica insuportavelmente seca de repente.

A Lourdes fica animada, claramente aliviada.

Estou ansiosa para mudar de assunto — sempre me senti mais confortável a ouvir os problemas dos outros do que a discutir os meus — por isso pergunto à Lourdes outra vez sobre o projeto da horta na escola da Portia. Agora que o vinho a descontraíu um pouco, sei que não conseguirá resistir a desabafar as suas queixas.

— Oh, Maggie, estes pais — Geme. — Não parecem compreender que os vegetais vão *crescer*. Querem compactar os legumes com dois centímetros e meio de distância, e misturá-los sem qualquer plano. Pensam que vai criar momentos de aprendizagem sobre *diversidade*. Estas plantas vão sugar a vida umas às outras. Vai ser horrível. Criancinhas a regar plantas a morrer a cada dia que passa. Vai ser um momento de aprendizagem, disso não há dúvida. Um momento de aprendizagem sobre a morte. Um momento de aprendizagem sobre pessoas estúpidas.

— Mamã.

Ambas saltamos nas cadeiras. A Gabby está de pé, perto de nós, de pijama, com um boneco bebé despido numa das mãos. Tinha de alguma maneira descido as escadas sem nós a ouvirmos.

— Já lavaste os dentes, fofinha? — pergunta a Lourdes. A Gabby abana a cabeça. — Volta lá para cima e pede à tua irmã para te ajudar. Eu já vou ler-vos um livro daqui a pouco. — Quando a Gabby se vai embora em silêncio, a Lourdes vira-se para mim e murmura: — Como é possível não haver um filme de terror sobre crianças em pijama? São furtivas como o caraças!

DEVO ESTAR BÊBEDA quando saio da casa da Lourdes porque dou por mim ao fundo das escadas da porta dela, balançando-me levemente ao mesmo tempo que fito a cerca à minha frente. O bonito portão arqueado no centro é um dos pormenores singulares que me tinham encantado tanto quando parei o carro pela primeira vez à frente da casa. Num *flash* de memória, vejo o *Toby* a sair atrapalhadamente do carro alugado e caminhar na sua direção. Naquele modo intuitivo dos cães,

ele soubera de alguma maneira exatamente para onde íamos e decidira ir à frente.

Viro as costas para o portão e sinto-me instantaneamente melhor. Só de olhar para o meu apartamento, algo escuro e pesado evapora-se-me do peito, libertando espaço para ar. Praticamente flutuo pelo caminho até ao apartamento, os meus pés mal tocam nas pedras que ladeiam a casa da Lourdes e marcam o caminho até à minha casa. Quando sinto o metal frio da maçaneta virar na minha mão, estou a sorrir. Quando fecho a porta depois de entrar, o ar que exalo parece uma gargalhada. É uma espécie de euforia leve, regressar a casa, um relaxamento delicioso de todas as minhas articulações. Afundo-me no sofá, a sentir-me mole e relaxada até que me lembro da promessa que fiz à Lourdes.

*Eu vou tentar, dissera.*

Como se fosse simples.

«Encantador!

**Se alguma vez amou e perdeu um animal de estimação,  
encontrará sabedoria e conforto nesta história doce e inteligente.»**

Allie Larkin, autora bestseller internacional

**C**omo Conselheira do Processo de Luto por Animais de Estimação, Maggie Brennan recorre a uma combinação entre empatia, compreensão e humor para ajudar os seus pacientes que estão a lidar com a angústia de terem perdido um amigo de quatro patas.

Apesar de possuir um dom para guiar os outros através de situações difíceis, a própria Maggie está, neste momento, a passar por um problema grave que pode ameaçar a sua prática de aconselhamento: ataques de pânico quando sai de casa, suscitados pela morte do seu próprio cão, *Toby*.

Tudo muda quando uma rapariga difícil e perturbada aparece no consultório de Maggie e acaba a pedir-lhe ajuda para encontrar o seu cão desaparecido. Percorrendo as ruas da cidade de São Francisco à procura do animal, Maggie dá por si envolvida num mistério que a força a enfrentar, finalmente, o seu maior medo — e a abrir o coração para um novo amor.

**Cheio de surpresas profundamente comoventes  
e encantadoras, *Doidos por Cães* conta uma história  
enternecedora e divertida que capta habilmente os laços  
do amor, a dor da separação, e o poder que  
os cães têm de nos curar.**



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SEL  
LER**

os livros em primeiro lugar

20.20.201.014

ISBN 978-989-707-007-5



9 789897 070075

Romance contemporâneo